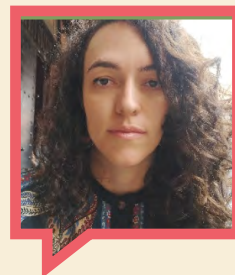


# Juventude, floresta e futuro: resistir ao avanço da pecuária e preservar identidades



**Sâmila Marçal de Souza**  
Comitê Chico Mendes



**Karla Sessin-Dilascio**  
Diretora do Instituto Fronteiras

DOI: [doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1645](https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1645)

**T**endo como base o relato de experiência (Mussi et al., 2021) de Sâmila Marçal de Souza, jovem liderança na luta pela Reserva Extrativista Chico Mendes, que compõe o grupo de colaboradores do Comitê Chico Mendes, grupo de ativistas fundado em 1988 após o assassinato do líder seringueiro e ativista ambiental Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes), em 22 de dezembro de 1988. O Comitê surge como estratégia de mobilização da sociedade civil que aconteceu inicialmente através de encontros promovidos anualmente, desde o assassinato de Chico, a chamada: “Semana Chico Mendes”<sup>1</sup>.

1 - <https://www.comitechicomendes.org/>

Como ativista no Comitê Chico Mendes, e artesã do Ateliê Gal, Sâmila relata sua experiência como mulher que cresce entre o rural e o urbano, e sua reconexão com sua ancestralidade a partir da luta dos extrativistas. Sâmila relata a pressão cultural que associa a pecuária e ao conceito de progresso disseminado na RESEX Chico Mendes, além de gargalos estruturais como a precariedade do acesso à educação, que expulsa os jovens do território, e o isolamento geográfico que dificulta o escoamento da produção e ameaça a saúde das famílias. Atualmente, organiza as mulheres no projeto Rede de Mulheres da Floresta, combatendo o machismo nos espaços de decisão, e defende que

a proteção da Amazônia depende da valorização e da permanência dos jovens no território para manter vivo o legado de Chico Mendes.

## Desenvolvimento

Meu nome é Sâmila Marçal de Souza, tenho 24 anos, trabalho como assistente de projetos no Comitê Chico Mendes e nasci na cidade de Xapuri, cidade que carrega o nome e a luta histórica de Chico Mendes. Nasci e vivi meus primeiros anos no contexto rural, onde o ritmo da floresta ditava a vida, mas ainda na infância iniciei um processo comum a tantas famílias extrativistas: o deslocamento para a zona urbana. Meus pais, buscando melhores oportunidades e condições de vida que o campo ainda não oferecia,

decidiram se mudar para a cidade.

Nesse período de urbanização, acabei mergulhando na lógica da cidade. Percebi, com o tempo, um vazio preocupante: mesmo morando na cidade de Chico Mendes, a escola e o cotidiano urbano não nos ensinavam o valor real das reservas e do modo de vida dos extrativistas. Crescemos sem uma consciência clara do potencial positivo do extrativismo para a manutenção da floresta em pé, da nossa cultura, e dos nossos direitos sobre o território. Para muitos jovens que saem do território, a reserva acaba se tornando invisível ou é vista apenas como um lugar de atraso.

Durante minha adolescência em Xapuri, observei como o desinteresse pelo modo de vida tradicional crescia entre os jovens. No Acre, a pecuária não é apenas uma atividade econômica, ela se transformou em um símbolo de status e poder. Estar ligado ao universo do boi acaba determinando o prestígio social. Existe uma pressão cultural imensa que empurra a juventude para a lógica do desmatamento e do pasto, sob a ilusão de que a pecuária traz um retorno financeiro rápido e moderno. Lutar contra essa mentalidade é um dos nossos maiores desafios, pois precisamos provar todos os dias que a floresta em pé tem mais valor e futuro do que o modelo do boi, que tenta apagar nossa identidade extrativista.

Minha reconexão com a minha essência aconteceu por meio do convite para o projeto Jovens Protagonistas da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes. Mesmo não sendo moradora direta da reserva naquele momento, a formação foi o meu divisor de águas. Foi ali que vi uma procura, ainda que tímida e cercada de desafios, de jovens que queriam entender seu papel político no território. O projeto me tirou da posição de espectadora e me transformou em ativista. Entendi que ser jovem na reserva é uma posição de vanguarda e resistência. Essa formação me deu a base para trabalhar com a conscientização social e política de outras pessoas, transformando o ativismo em meu principal instrumento de ação.

A permanência do jovem no território hoje em dia é um ato de resistência. Enfrentamos gargalos estruturais que expulsam nossas

lideranças para a cidade.

A educação, por exemplo, é uma barreira constante. O acesso ao ensino médio e superior é extremamente precário. A vivência de uma colega ilustra bem essa luta de uma turma inteira que começou o ensino médio na reserva, apenas ela e mais um conseguiram concluir. Hoje, ela cursa graduação em Administração de forma remota, lutando contra a distância e a qualidade da internet. Ouvimos muitos relatos sobre a criação de escolas de ensino médio adaptadas à realidade da juventude extrativista dentro do território, para que ninguém precise sair de casa para estudar. Porém, isso ainda não é realidade. Quando o jovem sai para estudar na cidade, raramente retorna, e o território perde a chance de se renovar com pessoas capacitadas, que conhecem de fato a realidade dos territórios.

Somado à falta de acesso à educação, os desafios de acesso aos territórios são grandes. Viver na Resex é enfrentar estradas que, no inverno amazônico, tornam-se intransitáveis. Nosso solo de taboca que gruda em nossos pés descalços, aliado à ausência de pedras e pedregulhos, tornam as travessias difíceis para carros, motos e até mesmo tração animal. O isolamento geográfico dificulta o escoamento da produção extrativista, encarece o custo de vida e, o mais grave, coloca a saúde em risco. A falta de transporte adequado e a precariedade dos ramais fazem com que qualquer emergência médica se torne uma situação de vida ou morte. Esse medo do isolamento e da falta de assistência básica é o que muitas vezes força as famílias a abandonarem suas colocações na floresta para morar na periferia das cidades.

Atualmente, meu trabalho ganha força na organização das mulheres no projeto Rede de Mulheres da Floresta. Dentro da Resex, ainda vemos uma predominância masculina muito forte nos espaços de poder. As mulheres raramente são consultadas ou participam das decisões que definem o rumo das associações e conselhos. Esse projeto atua para quebrar esse silêncio. Trabalhamos a autonomia e a formação política de jovens mulheres para que ocupem espaços de decisão. Nossas lideranças mais velhas estão partindo e há um vazio geracional perigoso. Se a juventude, especialmente as



mulheres jovens, não assumirem o controle político do território agora, o movimento extrativista corre o risco de desaparecer.

Minha trajetória do rural à cidade, e da cidade de volta ao ativismo no território, mostrou-me que a proteção da Amazônia passa obrigatoriamente pela valorização do jovem. Atuar junto à juventude da Resex Chico Mendes hoje é lutar para que a nova geração entenda que o território é lugar de oportunidade e inovação. Resistir ao avanço da pecuária, ao machismo estrutural e ao descaso do Estado com a educação é a nossa missão. O legado de Chico Mendes só continuará vivo se as mãos dos jovens estiverem preparadas para conduzir o destino da nossa floresta.

## Referências

Mussi, R., Flores, F., & Almeida, C. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, 17(48), 1–18.

Terra Indígena Mangueirinha,  
Paraná,  
Ariadne D. Ayres, 2023.

